

Luis Rosa Lopes no cenário da poesia angolana contemporânea

Luis Rosa Lopes in the Scenario of Contemporary Angolan Poetry

Marilúcia Mendes Ramos*
Universidade Federal de Goiás - UFG

96

RESUMO: Após 13 anos de guerra anticolonial, Angola conquista sua Independência a 11 de novembro de 1975, mas concomitantemente tem início uma nova luta que duraria 27 anos, a *Segunda Guerra de Libertação Nacional* (ou *Guerra Civil*, conforme a denominação portuguesa), em que as três forças unidas contra o colonizador passam a disputar o poder de governar a nova nação. É nesse cenário de guerra entre irmãos, abrangendo o período de 1975 até 2002, que se vai configurando a literatura angolana contemporânea, com a tematização do *proprium* e da luta anti-imperialista (presentes na literatura de militância dos anos de luta independentista e de conscientização), aliada a leituras de um novo cotidiano, principalmente urbano. No que respeita à poesia, gênero literário de disseminação de sentimentos patrióticos para mobilização massiva e das variantes culturais naqueles anos, notam-se atualmente preocupações com os aspectos formais e experimentais, como nos poemas do angolano Luis Rosa Lopes.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia angolana - Luis Rosa Lopes. Luis Rosa Lopes - Poesia experimental. Guerra civil angolana - Tema literário.

ABSTRACT: Thirteen years after the anti-colonial war, Angola conquers its independence on November 11th, 1975, but simultaneously a new fight takes place and at this time it lasted for twenty seven years, it was the so-called *Second War of National Freedom* (or *Civil War*, according to the Portuguese denomination), in which three united powers against the

* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

colonizer happen to dispute the power of governing the new nation. It is in this scenario of war amongst brothers, comprehending the period between 1975 and 2002, that the contemporary Angolan literature configures itself, with the *proprium* and the anti-imperialist fight as its theme (both present in the years of independency and that of consciousness militancy literature), allied to readings of a new quotidian, mainly urban. And as poetry is concerned, in those years the literary genre of patriotic feelings and cultural variants dissemination to massive mobilization, we can recently note concerns with its formal and experimental aspects, as in the poems of the Angolan Luis Rosa Lopes.

KEYWORDS: Angolan Poetry - Luis Rosa Lopes. Luis Rosa Lopes - Experimental Poetry. Angolan Civil War - Literary Theme.

Uma incontornável contextualização

A história me precede e antecipa-se à minha reflexão.
Pertença à história, antes de me pertencer.

Hans-Georg Gadamer

97

A epígrafe de Gadamer (1900-2002), constante de seu estudo filosófico *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (1960, apud RICOEUR, 1990, p. 39), parece-nos apropriada para subsidiar a nossa reflexão sobre a poesia de Luis Lopes Rosa e o espaço que ocupa no cenário histórico e poético de Angola após a conquista de sua Independência em 1975, quando, concomitantemente, tem início a Segunda Guerra de Libertação Nacional que perdurará até 2002. É nesses anos de guerra e perda das utopias que sua poesia é cuidadosamente gerada, expressando as agruras, as iras e as formas de resistência. O autor, fruto do amor de uma mulher portuguesa e de um angolano, reflete sobre essa condição de entre-lugar em tempos de guerra, e o faz explorando ao limite o conhecimento privilegiado da língua do colonizador, ensinada inicialmente pela mãe portuguesa, professora; e, do pai, vem a componente africana, a herança das tradições orais que se apreende nas práticas cotidianas, a poesia das estórias contadas, e o conhecimento sobre o trabalho respeitoso no manejo da terra, sua lavra.

Lopes é mestiço, militante, agricultor, administrador, narrador e poeta e o cenário de perda das utopias na nova guerra iniciada em 1975 permeia sua poesia, que conjuga de modo harmonioso, simbiótico, a forma e o conteúdo. De sorte que Lopes pertence à história antes de se pertencer e sua poesia expressa essa consciência de continuidade do ser e da história em curso quando de seu nascimento. O poeta é fruto de contingências, mas sabe-se igualmente agente de transformações que legará às novas histórias.

Julgamos que para se pensar os rumos da poesia angolana contemporânea e nela localizar o trabalho de Lopes há que se recordar antes do percurso por ela trilhado e, para tal, apresentamos os dados abaixo, sintetizados de estudo do angolano Jorge Macedo, *Poesia Angolana 1975-2002: apontamentos históricos*. Embora Macedo selecione o período da Segunda Guerra de Libertação de Angola, período que também nos interessou na pesquisa sobre a narrativa curta, elenca em seu minucioso levantamento de dados as temáticas recorrentes na poesia angolana desde antes do início da Primeira Guerra de Libertação.

Com fins didáticos, recortamos desse seu trabalho, como sistematizado a seguir, primeiramente as constantes formais e, em seguida, os dados relativos às temáticas da poesia angolana.

1. *Poética de literatura oral*, de comunicação (poética transparente, mobilizadora, comunicacional): Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Tomás Jorge, António Neto, Alda Lara (*Testamento*), Antero de Abreu, Alexandre Dáskalos, Ernesto Lara Filho, António Cardoso, Manuel Lima, Geraldo Bessa Vitor, Mário António (poemas revolucionários dos anos 50/60), Costa Andrade, Humberto Sylvan, João-Maria Vilanova, Jofre Rocha, Jorge Macedo, Adriano Botelho de Vasconcelos, Rui Augusto, João Augusto, Amélia Dalomba;
2. *Poética retórico-sentimental*, de conceitos (de grandes recortes filosóficos e de formulação transcendental): Tomaz Vieira da Cruz (*Quisange*), Agostinho Neto (*Sagrada Esperança*), Raul David, Manuel Lima, Costa Andrade, Arnaldo Santos, Henrique Guerra;

3. *Poética de discurso reticente*, de obra aberta (sentidos difusos e imagens herméticas, por vezes para fugir à censura): Arnaldo Santos, João-Maria Vilanova, Manuel Rui, David Mestre, Samuel de Sousa;

4. *Poesia simbolista* (imagens subjetivas e raras): João Maimona, José Luis Mendonça, João Tala, Fernando Kafukeno, Adriano Botelho de Vasconcelos, Arlindo Barbeitos.

1. *Poesia nacionalista só no tema* (anticolonial, que dos anos 40-70 denunciou ao mundo a situação de opressão dos angolanos): principalmente poemas de Agostinho Neto, que circulavam na clandestinidade, policopiado.

2. *Poesia de duplo nacionalismo* no tema e na linguagem (poemas nas línguas nacionais e portuguesa): como os de António Jacinto (“Poema da alienação”) e João-Maria Vilanova.

3. *Poesia de “desencanto”* (frustração com a reconstrução nacional, guerras seguidas, desaparecimento da solidariedade, de linguagem reticente, hermética por vezes): Sapyruka (“Na hora d’içar o epitáfio”), Euclides Mariano (“Geografia do tempo”), Luísa Castel (“Separação”), Ngamilanhi, Rui Augusto (“Os novos senhores”), E. Bonavena (“Cidade sem sino”), Ana Paula Tavares (“Rapariga”, e outros poemas em prol da libertação da mulher e contra amarras da cultura étnica).

a) *Poesia telúrica* (temas bucólicos, por vezes acríticos, patrióticos): Ana Paula Tavares (“Colheitas”), Rui Duarte de Carvalho (*A decisão da idade*: “Venho de um sul/ medido claramente; em transparência de água fresca de amanhã/ de um tempo circular/ liberto de estações/ De uma nação de corpos transumantes/ confundidos/ na cor da crosta acúlea/ de um negro chão elaborado em brasa”).

b) *Poesia de amor*: afetivo/erótico (libertados dos tabus e jugos coloniais, o mundo afetivo do amor e seu erotismo passa a ser tema predileto, com fontes inesgotáveis de metáforas, de recortes líricos sublimes): José Luis Mendonça (“Como um país natal”), João Tala (“Se os meus olhos adormecessem”), David Mestre (“A serpente”), Adriano Botelho de Vasconcelos (“Poema Mulher”), Ana Paula Tavares (“Amargas como frutos”), Domingos Florentino (“Brilho, nos teus olhos”), João Melo (“Assim te amo”), Luis Kandjimbo (“Canto às simetrias”).

Desse trabalho de Macedo, selecionamos ainda alguns poetas contemporâneos para comentar suas linhas de força, as quais também estão presentes na poesia de Lopes como veremos.

Conforme testemunha Jorge Macedo, no processo de criação de uma continuidade para a formação da literatura angolana, poetas que pegaram em armas no movimento independentista permaneceram na vanguarda de reconstrução nacional na nova guerra de libertação e a eles se juntaram os novos poetas:

Escritores de vanguarda como Agostinho Neto, Antero Abreu, António Jacinto, António Cardoso, Tomás Jorge, Gasmin Sá Cortez, Rui de Matos, Aires de Almeida Santos, Costa Andrade, Arnaldo Santos, David Mestre, Ernesto Lara Filho, Henrique Guerra, Henrique Abranches, João Abel, João-Maria Vilanova, Jofre Rocha, Jorge Macedo, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Rui, Maria Eugênia Neto, viram engrossar as suas fileiras por jovens poetas [...] sob a bandeira da “Trincheira Firme da Revolução em África” (MACEDO, 2003, p. 8).

Na década de 1980, certo desencanto tomou conta dos escritores revolucionários diante da constatação da despolitização dos partidos e do enfraquecimento do Estado Nacional. Essa perda das utopias conduziu à busca da expressão do humano, o que resultou na “politização dos sentimentos e da amizade” (ORTEGA, 2000, apud SECCO, 2007, p. 159), experimentados como “novas formas de sociabilidade”.

Embora o cenário de mais guerra, à medida que Angola vai construindo sua história pelas próprias mãos, as temáticas e metáforas vão expressando essas mudanças. Desse modo, a poesia de fins dos anos 80 até o ano de início da paz, 2002, expressará de modo contínuo a melancolia experimentada com as atrocidades cometidas durante a guerra de 1975-2002 e a fome e a miséria com ela advindas, mas outros temas e procedimentos se somarão. É exemplo João Maimona, que trata desse momento de nova guerra em meio à conquista da Independência, bem como da corrupção, versando sobre “a morte, que cobriu de luto a terra angolana”, porém o poeta busca fugir do caos com

imagens de resistência, como os símbolos aéreos constantes em sua poesia levam a perceber (o ar, o vento, as aves, as abelhas).

Poetas como Frederico Njingi, Fernando Kafukeno e José Luis Mendonça também tematizaram a guerra sem fim, expressando a melancolia por ver o sonho da liberdade ofuscado, mas privilegiarão a forma de expressão. No primeiro pode-se afirmar que usa da ironia e de imagens e símbolos gráficos, denunciando por meio de fortes alegorias a perda das utopias durante a nova guerra de libertação; no caso de Kafukeno, essa representação dá-se pelas imagens do crepúsculo e da aurora “fusca” e “frouxa” que voltam à memória do poeta “há anos” e “hoje”; e, quanto a Mendonça, a melancolia está expressa nas imagens de incapacidade do voo libertador de Luanda, como no poema “De asas sob a terra”, cujas metáforas desse voo frustrado são de “pássaros estrangulados” e “asas sob a terra”, levando o poeta ao grito (SOARES, 2001, p. 364).

Assim como na poesia de Maimona, o voo e as aves nos poemas de Mendonça são imagens da vontade de fuga ao caos e de liberdade de expressão, envoltas nas do erotismo, tão frequentes na poesia contemporânea, como no poema “Blusa cor de rosa”:

Blusa cor de rosa
sobre o ondular
marítimo de tua pele negra

Blusa cor de aves úberes
em voo alíseo
nos olhos profundos da mãe-Terra

Blusa cor de rosa
vela enfunada pela anêmona
dos teus seios feiticeiros

onde a minha boca
como uma onda quer
in loco mover-se (kotodianguako.blogspot.com).

Os poetas João Maimona, José Luis Mendonça, Lopito Feijó e outros novos poetas que a eles se juntam, formam a corrente simbolista-concretista, a

qual, segundo Maimona, prefere “a subjetividade e o gosto pela mancha sem contornos, verso fluido, sugestivo [...] e sensibilidade fina e requintada, imagens subjetivas e raras”, querendo mais sugerir que afirmar (MAIMONA, 2001, p. 125, apud MACEDO, 2003, p. 26).

Dentro dessa corrente, Lopito Feijó, assim como Frederico Ningi, apresentam uma poesia de contornos iconoclastas, com “imagens dissonantes, experimentalismos visuais, construções paródicas irreverentes” (SECCO, 2007, p. 163).

A poesia contemporânea de autoria feminina também retratou esses anos de guerra, refletindo sobre o contexto social de Angola, como Ana Paula Tavares (poesia sobre a dor na Angola de 1990-2000, com fortes alegorias), Ana de Santana, Lisa Castel, Maria Alexandre Dáskalos e Amélia Dalomba (poetas que refletem sobre os problemas sociais de Angola, mas afirmam paralelamente outra luta: a do direito de ser mulher, reivindicado pelo erotismo).

Opção pelas tradições fez antes Ruy Duarte de Carvalho, antropólogo, cineasta, poeta, romancista, que, como antropólogo, viajou principalmente pelo sul de Angola e de lá recolheu expressões da tradição oral e as retratou em suas artes. Entre suas obras figuram *Chão de oferta* (1972), *A decisão da idade* (1976), *Como se o mundo não tivesse leste* (1977), *Exercícios de crueldade* (1978), *Hábito da terra* (1988), *Vou lá visitar pastores* (1999).

Nota-se, com frequência, que em meio à guerra de libertação iniciada em 1975, os poetas encontram no erotismo a expressão da vida contra a dor que permeia o cotidiano, como mencionamos, dentre eles está também João Melo, poeta que enfrenta os medos e dores do passado e do presente de guerra, buscando as raízes por meio do “esperma inicial”, como se percebe em poemas do livro *Canção do nosso tempo* (1989). João Tala igualmente encontra na temática do erotismo elementos para a expressão poética, como em “Se os meus olhos adormecessem”, de *A forma dos desejos* (1997).

É possível notar, então, no quadro da poesia angolana contemporânea, algumas invariantes, como Carmen Tindó Secco assim sintetiza:

Entre algumas das invariantes da poesia angolana atual podemos destacar, a despeito do tom amargo e crepuscular de alguns poemas, o tema do erotismo, do amor, da amizade; a opção pela metapoesia; a reinvenção do passado através do trabalho criativo da memória (SECCO, 2007, p. 159).

No que toca à meta-poesia, os poetas vêm refletindo de modo permanente sobre o labor poético desde os anos 70, como confirmam poemas de David Mestre, Arlindo Barbeitos e, como exercício poético constante, os de Ruy Duarte de Carvalho. Ressalte-se que a meta-poesia só se torna marca da poesia angolana depois dos anos 80, como é o caso, dentre outros tantos, de Luis Kandjimbo.

A poesia angolana em tempos de paz

De abril de 2002 até os dias atuais Angola vive a paz tão sonhada e perdida há mais de cinco séculos, embora velhos problemas como a corrupção, o desequilíbrio social, a fome, a orfandade entre tantos outros ainda façam parte de sua realidade. Entretanto, após quase meio século de guerra ininterrupta, os angolanos agora só desejam viver nessa paz e, mesmo com os descontentamentos, tentam conseguir dos governantes soluções para os problemas pacificamente.

Esse novo cenário também vem sendo motivo poético, com a opção por outras metáforas e temáticas. É o caso do poeta já mencionado, João Maimona, que lança em 2003 o livro *Lugar e origem da beleza*, trazendo como inovação o diálogo dos poemas com as pinturas de Francisco Van-Dúnem.

Maimona, assim como Ana Paula Tavares, ao lado de outros poetas da atualidade vêm buscando aliar elementos do tradicional às inovações estéticas

e formais. É o caso de Flás Ndombe, com o erotismo verbal, o qual se nota ainda na produção de Ana Paula Tavares e João Melo e na de Conceição Cristóvão. O livro de Ana Paula de 2003 traz a busca da beleza e das origens (*Ex-voto*); o de Abreu Paxe (*A chave no repouso da porta*, 2003), traz poemas renunciando os novos tempos; os poemas de Amélia Dalomba buscam a beleza estética, com culto a tradições e diálogo com antepassados; e os de Eli Cruz retomam poetas da geração de 50, como Viriato da Cruz, mas também exalta os antepassados.

Luis Rosa Lopes e sua poesia: continuidade e inovação

O livro de estreia de Luis Rosa Lopes como poeta traz essas temáticas e preocupações formais apontadas pela crítica literária, conforme descrevemos. Lopes, contudo, já compõe o quadro dos escritores angolanos desde a década de 80, mas como narrador: *A gota d'água* (1984), *Mu ukulu kituexile ku mayombola* (2005), *Uma Maria João e uns Knunca* (2008), com vários poemas esparsos em coletâneas e jornais.

Oras em eras de ira e de amor foi publicado pela União dos Escritores Angolanos em 2011, trazendo poemas escritos ao longo de 30 anos, portanto dentro dos anos de guerra de que tratamos acima, 80, 90 e primeira década dos anos 2000, e de acordo com as preocupações temáticas e formais da poesia angolana contemporânea, destacadas acima.

Já o título do livro dá pistas da marca literária do poeta, que é a exploração dos significados das palavras e sua sonoridade ao limite. Assim, antes mesmo de ler os poemas o leitor é atraído para a leitura dos elementos para-textuais e para a forma dos poemas dispostos na folha em branco, mas com os títulos das suas partes dispostos na folha negra em tipo branco. E já há leituras possíveis nesses trabalhos tipográficos.

O cuidado na apresentação dos poemas é amplificado pelas belíssimas ilustrações de Gilberto Dune Capitango, que estilizam ao fundo borboletas que abrem cada uma das partes do livro, motivo que inspirou também a Carlos Roque, que compôs a capa.

As borboletas que em algumas crenças religiosas representam a alma do ser, seu espírito, no livro de Lopes remetem mesmo à necessária metamorfose como forma de resistir, tanto do homem angolano que vivenciou a guerra no campo de batalha (que é seu caso, de seu irmão e de sua esposa, além de tantos outros parentes e amigos), quanto de sua Angola que saiu de uma guerra de 13 anos para entrar em outra por mais 27 anos. Conforme história nas notas “Do Autor”, seus versos são “paridos” ao longo de três décadas significativas para o homem e para Angola, posto que neles pode-se ler uma parte da história angolana, escrita de baixo, do chão, como se o poeta inscrevesse com suas imagens a micro história dos anos da Segunda Guerra de Libertação de Angola:

Para além de uma seleção de escritos meus, paridos durante os últimos trinta anos e que revelam a vivência, os estados de espírito e as contingências das eras em que foram sendo escritos e que foram e ainda são os oras das minhas horas dos tempos de ira e de amor... (LOPES, 2011, [s.p.]).

O livro em princípio pareceu ao poeta Abreu Paxé, que faz a apresentação, disperso, como de fato o título sugere, entretanto, à medida que se vai somando a leitura de cada poema e de cada parte vai-se compreendendo sua organização em quatro momentos, resultado de “um acto consciente e planejado” e histórico, processo que ocorreu também com Paxé.

As preocupações temáticas de Lopes alinham-se com a de seus contemporâneos, porém, o que impressiona o leitor é o seu trabalho formal, seu labor com cada palavra, seus jogos com os sentidos e significados que ampliam cada vocábulo escolhido. Essa, aliás, uma qualidade sua como angolano filho de mãe portuguesa e pai angolano. Este, certamente lhe

transmitiu o intrínseco valor tradicional da *Palabra* nas relações cotidianas da família e, a mãe, professora, lhe ensinou a expressão na língua portuguesa, de tal modo que o homem e a poesia são permeados pela mescla. Assim, desde muito cedo, o interesse pela raiz das coisas o compõe, como se notará nos fragmentos dos poemas citados e na história de um angolano que expressou um contexto de guerra em versos.

As Eras

A leitura do poema “Novo H”, em que o eu lírico se apresenta, leva-nos novamente à epígrafe de Gadamer que abre este estudo, posto que sua filiação aos “confins do Tempo” remete a um tempo ancestral, imemorial, que leva o eu lírico à ideia de parte de um todo maior sem rupturas, pois pertence à história, antes de se pertencer, e será o Novo Homem de uma Angola que conquistará a paz, como se nota nestes versos (LOPES, 2011, p. 25):

Sou filho dos confins do Tempo
Reflexo de verdades galácticas
Meu berço foi o frio do Espaço...

Agora,
Retinem-me nos ouvidos
Os sinos universais
Aparafusando no meu cérebro
Um novo ritmo cósmico

E vim para dar...

E vim para dar
Um pouco de luz ao medo
Um pouco de cor à esperança
Para esbater contrastes
[...]

Como parte do todo, é passado e presente e, neste, ele que é “reflexo de verdades galácticas”, quer também dar de si para que, nos tempos de guerra,

em que “retinem-me os ouvidos”, possa legar “um pouco de luz ao medo/ um pouco de cor à esperança” e, indelével, “afagar a rocha/ com uma asa de borboleta...”. Essas imagens do poema remetem ao papel transformador da poesia, capaz de “esbater contrastes” como se nota também em: “e quero aplacar tempestades/ com um simples beijo de amor...” (p. 25).

No poema “(H)ERA”, os jogos de significados, sonoridade e ritmo com a palavra “era” são experimentados e se expandem quase a esgotar as possibilidades, como em um exercício lúdico (p. 23):

[...]
e esta era de oras
com horas cheirando a heras
não são heras de mais horas
mas eras de grandes iras

se não há eras com horas
rápido para a nossa era
as heras vão virar iras
e esta era já era

As iras

No poema “Como grilo”, que abre suas Iras, o grilo na gaiola é metáfora do homem aprisionado e sem voz, sem seu grito, pois o “grilo chora/ a liberdade ida/ a clausura activa/ a solidão maldosa/ o frio destino/ tão vivo”. As onomatopeias do cricrilar do pequeno inseto, “cri, cri, cri, cri”, estribilho repetido quatro vezes, é forma de atormentar o enclausurador e a ele resistir, posto não ser fácil calar um grilo que cricrila mesmo engaiolado e até o último verso: “na prisão perto/ onde embate a dor do grilo/ também eu cri, cri, cri,” (p. 30).

A guerra mantém-se como temática no poema “Choro livre”, em que vários sentimentos são experimentados pelo eu lírico em seus choros e canto ao longo de sua história pessoal, resumida nos grandes momentos que o levaram à emoção, ora quando esteve acorrentado “na barra da recta injustiça”, ora

quando foi libertado “por crime não cometido”. Também chorou ao ser liberto, “desalgemado/ sorvendo sôfrego o ar puro”, ou quando “o amor então errante/ voltou e ficou comprometido”. A morte do “ente defunto” (talvez a do irmão) o levou ao choro desatinado, mas o verso isolado “hoje...” revela que todos os grandes motivos para chorar ficaram no passado e, no presente: “[...] serei feliz ou até talvez/ se não tiver mais por que(m) chorar” (p. 41).

Em “Porta minas” outra referência direta aos tempos de guerra em um poema de denúncia em que o ritmo é marcado, como se no “passo a frente” e no “passo a ré”, o país fosse caminhando, em “avanços sem avanço,/ por temor ou desvario/ por raivas ou cobiças,/ chuvas contidas no cio”. E novamente os jogos com as palavras a amplificar suas possibilidades: “o país conta/ minado” (p. 38).

As imagens da vontade de fuga ao caos e de liberdade de expressão são alusivas ao voo, o que bem o comprovam os poetas que se têm recorrido a essas metáforas, como acima mencionado. No poema de Lopes, “Ave de Rap”, a ave associa-se a sonhos e liberdade, mas pode-se notar a perda da utopia, pois a liberdade é uma ilusão, o voo é sem leveza (p. 60):

Há uma águia em meus sonhos
Numa ilusão de liberdade,
Dá-me bicadas noturnas
Dá-me banhos de inverdade

Essa águia nos meus sonhos
Ao esvoaçar sem leveza
Da fidúcia sem contornos
Ela me dá a certeza

Mas na certeza dos meus sonhos
Desse mel não beberei
Guardando sempre na memória
Sem medo dos mais medonhos
Dos fracos nunca desfrutarei
Mesmo se deles
não reza a história

Os Oras

As metáforas à lavra da terra, outra atividade de amor de Luis Rosa Lopes, percorrem as partes do livro. Assim, na primeira parte, está em evidência no poema “A força da lavra”, em que a força do trabalho no campo é cantada pelo poeta que a observa desde o “rebento/ da mandioca ou milho ou feijão”, passando pela “terra e o capim/ copulando sem aflição”. Também a força do braço do homem que lavra a terra com sua enxada e seu suor; a contribuição da chuva, do estrume, da minhoca para o “mata-fome do pilão” (p. 26).

Em “Os Oras”, entretanto, as lavras são metáfora de rebentos que não alimentam, antes endurecem os seres. Trata-se do poema “Intelectualidade”. Aqui o eu lírico vê-se como “um acerto/ de usos acomodaticios”, porém, assombrado constata: “mas não sou só...”. Há outros como ele, intelectuais que cultivam suas lavras de novos rebentos de “pretensa consciência” e que se acomodam diante das injustiças mesmo tendo algum poder para mudar o *status quo*: “essoutros/ lavram mais e mais/ para que novos rebentos,/ de sabor e saber/ endurecido e inumano,/ continuem a parir/ seres acobardados de falar/ mas não de rir,/ sempre...” (p. 46).

Se no poema acima a falta de esperança do poeta deve-se aos homens que, como ele, se calam diante das injustiças, em “O hoje sem amanhã?”, a desesperança se dirige ao que restou de Angola e angolanos após a colonização: “Agora.../ Anos passados/ sofrimentos benzidos/ anos sem compaixão/com rasgos de alegrias/ e lamentos já quase diluídos”. Também direciona sua ira aos efeitos dos longos anos de colonização que transformaram o angolano após a guerra: “Agora.../ Com toda a carga/ do dever cumprido/ do sentir florido/ do sonho esfacelado,/ sinto que sou mau,/ sou funesto,/ sinto-me filho/ de uma espécie rara de incesto” (p. 51-52).

Em “Quase deserddado”, o eu lírico não se vê como um eu coletivo como no poema acima, mas trata de refletir sobre si mesmo e sua condição de mestiço, o que, por fim, é a história de muitos angolanos: “não sou filho de

costumes/ sou mais filho de amores/ uma faca de dois gumes/ ou destruidor de pudores?” (p. 57).

A morte ronda as partes do livro, ora dentro da temática da guerra, ora como reflexão sobre o caráter religioso que norteia até o ato de morrer. Se no poema “Crenças” o poeta diz não poder consentir “contudo e brandamente/ que me digam/ que sem Eles [Buda, Alah ou Cristo]/ eu não Existo” (p. 53), no poema “Desandando” o poeta deseja que seu deixar de existir seja quase imperceptível, como “um último teu olhar/ derradeiro arrote de cio/ um carvão tirado do lume/ no dia do meu desandar” (p. 59).

Os Amores

Nessa parte do livro a poesia de Lopes traz a marca mais evidente da poesia angolana contemporânea, o erotismo, que como mencionamos no início destas reflexões, é fonte inesgotável de metáforas.

110

Nos novos tempos, mesmo sendo de guerra, o erotismo figura como liberdade de expressão após o jugo colonial e a herança cultural europeia de restrições sentimentais, muitas das vezes ditadas pela Igreja. Assim, os poetas encontram no erotismo a expressão da vida contra a dor que permeia o desanimador cotidiano.

Na sequência de poemas dessa parte o erotismo faz-se notar sob diversas nuances. Desde os títulos já se nota recortes líricos que ora expressam a volúpia do amor carnal, como em “Molhado e seco”: “Molha-me, meu amor/ com tua seiva doce/ de teus lábios de jasmim/ o meu flu, flu, flu...” (p. 81); ou em “Rosa escura”: “não me fazendo rogado/ desejando aquilo mesmo/ sofri tonturas constantes/ volúpias servidas a esmo” (p. 66); ora do amor enlouquecedor, como em “Agridoce loucura”: “loucura sim.../ loucura sim.../ e a prova que enlouqueci/ é que fiz este poema para ti” (p. 72); ora a dor do

amor cobiçado, como em “Convite”: “esse sorriso.../ são broches/ em teus lábios/ de filigranas finíssimas/ convidando/ a...” (p. 71); do não realizado, como temos em “Marrebentando”: “essa kambuta/ medestrata/ marrebenta/ memaltrata/ quase que memata.../ mefaz passar por tolo.../ mas contudo.../ eme muene nga muzolo [eu gosto dela]” (p. 70); do amor findo, em “Eterno espinho”: “do amor terno e sereno/ num instante, arrasador/ nada sobrou,/ nada sobrou” (p. 65); do amor alucinado como em “Meu vício” (p. 83):

tu és minha macanha
tu és o meu café
tu és minha maconha
meus vícios todos, até
[...]
e se o quiser o destino
deixar de te ver de vez
por vontade tua sem dó
que morra em desatino
que me chame quem me fez
tudo isso a ficar só

A parte “Os Amores” é a que contém o maior número de poemas. A maioria deles trata do amor erotizado que, como vimos, é meio de salvar a vida contra a dor do cenário de guerras e perda de utopias.

111

No poema “ÁKHA” o poeta vale-se dessa palavra, que é uma interjeição muito utilizada pelos povos do Centro e Sul de Angola, conforme esclarece em nota, e a associa à metralhadora AK-47, criado por Kalashnikov, recentemente falecido. Assim, a referência à guerra, na parte “Os Amores”, é uma das muitas facetas da temática do erotismo na poesia angolana, figurando como reflexão sobre os problemas enfrentados por Angola ao longo dos 30 anos de escrita do poeta. Nesse poema o passado é reinventado, com novas possibilidades, pelo trabalho criativo da memória e pela exploração da palavra e suas sonoridades (p. 78):

ákás a mais
lembrando tempos idos
ainda por cá há...
ainda...

ainda...

mas hoje
mesmo um áká
ao ver e ver-se
sobre teu corpo nu
lhapetece embora
é sublimar-se
das guerras
e exaurir-se
em rajadas eróticas

ákha!...

Assim, a palavra é experimentada em seus múltiplos significados e no espaço amplo do papel, que figura como uma tela em branco para a manifestação da arte. São exemplos os poemas “Santa ignorância”, em que as palavras são ajustadas ao papel lembrando uma antena para aparelhos tecnológicos, em uma alusão ao concretismo. Nesse poema, o suporte (a página em branco) é explorado como veículo para a exposição da expressão, em uma simbiose.

À página é conferido o *status* de espaço para experimentações estéticas, como também se nota em “Neutrões”, que procura reproduzir em um momento presente a sensação da queda da bomba durante a guerra, com a palavra “tomba” justamente tombada na folha. O ritmo acelerado, as palavras curtas dispostas em versos de uma ou duas palavras dão a impressão do desnorteamento das pessoas diante do inevitável: “Fujam!.../ Não fujam!.../ Pra quê?.../ Não vale a pena!/ É a bomba.../ É a bomba...” (p. 40).

Também no poema “AMORANDO EM CUBOS”, composto todo em blocos numerados, exceto o primeiro e o último, tal qual um pintor diante da tela o poeta *descompõe*, para compor, sua imagem do corpo da amada (p. 76):

como em picasso incomum
desmonto todo o teu rosto
suspiros e tons, um zumzum
o braço, a mão, sem desgosto
teus pelos ralos, um a um
[...]

III
com as mãos desenho falos
para o sovaco odores mil
das coxas e intervalos
chegam-me contornos de anil
linguajar, canais, estalos
a explosão primaveril

Também em “Esporádico” o erotismo e o trabalho do poeta e do pintor se aliam para a expressão em um momento de consciência de “desencontro de culturas” de que o poeta é herdeiro, assim como a mulher amada (p. 79-80):

[...]
Olho um Rembrandt, um Miró
Cenas eróticas numa parede
Num hotel rasca de Paris
Cópias baratas penduradas
Tão só e deslocadas como eu
[...]
Dispo-te e és mais um quadro
Só que já estás só
Como que por feitiço
Apenas ficaste tu
Sobrepondo-te à parede
Muito maior, atulhando o espaço
E és do tamanho do meu coração
[...]
E já só te vejo a ti
Minha mescla de áfricas e europas
Amálgama de áσίας, américas e oceânias
Minha mulher única e universal
Meu desencontro de culturas
Meu erário e herança
[...]

Conclusão

A ligeira leitura que empreendemos dos poemas de Lopes evidencia sua inserção no cenário da poesia angolana contemporânea, que coincide com os anos da Segunda Guerra de Libertação Nacional. Assim como Macedo percebe, a nova poesia angolana bebe na fonte dos mais-velhos, mantendo em suas temáticas a continuidade da expressão do *proprium* e, como buscamos

evidenciar, inova ao experimentar os recursos tecnológicos e a liberdade de expressão, seja do ponto de vista da forma, seja quanto ao conteúdo.

A afirmação de Carmen Tindó (2007, p. 169) de que a nova poesia angolana procura construir uma “geografia da emoção e da amizade atenta às origens, às próprias palavras e à musicalidade do poema”, enfatizando o diálogo com as origens, corrobora nossa percepção de que a poesia de Lopes se insere nessa geografia, assim como ele mesmo, pois, para além das suas temáticas de eleição que o comprovam, ao final do livro o poeta oferece uma “Pequena homenagem a minhas Eras”, com poemas de Aurélio de Oliveira Neves (Nga Voto), Aurélio Neves da Rosa Lopes (Voto) e Georgina de Castro V. Louro (mãe), permitindo notar a atenção às suas origens, assim como o seu trabalho com as palavras e a exploração de sua sonoridade, como buscamos demonstrar.

Essa percepção da origem e do contexto que notamos na poesia de Lopes nos leva de volta a Gadamer, posto que as leituras que fazemos de um determinado tempo é sempre referente a certa época histórica, porque o mundo está contido nela, mesmo que longa e abrangente, pois pode ser recortada, como fez o poeta. A expressão crítica do eu lírico sobre suas *eras* pode ser um modo de não se submeter aos conceitos prévios de seu tempo. A história a que o poeta pertence é o ponto de partida para suas reflexões, mas ele contribui, com sua poesia, para as novas transformações que criarão novas épocas históricas. Ao reagir criticamente ao que no passado se construiu, e com base nessa construção, é que se criam novas concepções sobre a vida. De sorte que, pela expressão poética, o sujeito tornou-se consciente de sua experiência ao longo de trinta anos de guerra e de vida e alcançou novos horizontes que são aberturas à experiência, posta em funcionamento pela própria experiência. E o homem experimentado já aprendeu tanto com as vivências que é capaz de viver outras mais, caso do escritor Luis Lopes, que se envereda pelo campo da poesia como nova forma de expressão e de transformação.

Para concluir, valemo-nos das metáforas criadas pelo poeta Jorge Macedo no livro que apoiou esse breve estudo sobre a poesia angolana atual e, como parte dela, a de Lopes:

Em Angola, novos e velhos poetas caminham lado a lado, [...] certos de que uma literatura é uma orquestra composta por vários instrumentistas, tocando instrumentos diversos, de timbres diferentes e partituras, cuja harmonia e beleza resultam do concurso de todas as vozes musicais, no espaço e no tempo. Razão por que a literatura se pode definir como uma inesgotável polifonia interpretada por várias épocas e gerações (MACEDO, 2003, p. 29).

Referências

BLOG. kotodianguako.blogspot.com

LOPES, Luis Rosa. *Oras em eras de ira e de amor*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2011 (Col. Guaches da Vida, n. 48).

MACEDO, Jorge. *Poesia Angolana 1975-2002: apontamentos históricos*. Luanda: UEA, 2003. (Col. Práxis, n. 1).

MAIMONA, João. *Lugar e origem da beleza*. Luanda: Kilombelombe, 2003.

RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SECCO, Carmen Lúcia T. A poesia angolana atual e a procura de outras formas de politização. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007. p. 159-170.

SOARES, Francisco (Org.). *Antologia da nova poesia angolana (1985-2000)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

TALA, João. *A forma dos desejos*. Luanda: UEA, 1997.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2014.

Aprovado em: 16 de abril de 2014.